

**O PERÍODO DITO CIENTÍFICO DOS ESTUDOS  
LINGÜÍSTICOS BRASILEIROS NA QUESTÃO DA COLOCAÇÃO  
PRONOMINAL (1880-1920)**

Silvana GURGEL<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** This paper aims at announcing the purpose of our dissertation. Basically, we intend to describe and to explain the treatment given to the problem of pronominal collocation in a period of Brazilian Linguistic studies called 'Scientific', through the research on texts written by grammarians, published between 1880 and 1920. Our study is supported by the Linguistic Historiography methodology (Swiggers 2005; Koerner 1978, 1989a, 1989b, 1996a, 1996b; Hymes 1983).

O final do século XIX foi marcado por grandes transformações, não só de ordem tecnológica, como também social e política em todo mundo, e, no Brasil, a situação não foi diferente. Ocorria aqui uma importante mudança em nosso regime político, pois o país passava de monarquia a república, o que propiciou uma acentuada tendência ao não reconhecimento do passado, já que a monarquia era vista pelos republicanos do período como modelo de atraso, aculturação e dependência.

A nova época pedia a modernidade em todos os setores e, especialmente na escola, onde indivíduo escolarizado era sinônimo de cidadão. Líderes representantes do 1º período Republicano mostravam-se entusiasmados tanto pela idéia de Educação para todos, quanto pela luta contra o analfabetismo, pelo combate contra as influências estrangeiras e, em particular, pela busca da valorização da língua nacional. É nesse contexto que uma discussão em defesa do estabelecimento da língua brasileira começou a crescer, dadas às diferenças existentes entre a variante europeia do português em relação à variante brasileira.

Pinto (1978 e 1981), ao compilar a literatura crítica sobre a 'questão da língua brasileira', aponta o texto de Visconde Pedra Branca (1780–1854), do final de 1840,<sup>2</sup> como o representante do início do debate sobre a especificidade da língua do Brasil em relação à de Portugal. Afirma que, nele, Pedra Branca, ao tentar caracterizar o idioma, se valeu do campo fonológico, quando descreveu que o falar mais doce e ameno se relacionava ao Brasil, e do campo lexical, quando falou, basicamente, das especificações semânticas e dos empréstimos indígenas. Pinto ainda coloca que Pedra Branca dissertou genericamente sobre o caráter das línguas como reflexo das sociedades, conforme o pensamento determinista e evolucionista da época.

---

<sup>1</sup> Mestranda da USP. Bolsista do CNPq. E-mail: gpsilvana@hotmail.com

<sup>2</sup> A rigor, o texto de Pedra Branca é de 1826, ano da publicação do *Atlas Etnográfico do Globo*, de Adrien Balbi, de quem Pedra Branca foi colaborador.

Em ressonância posterior ao observado por Pedra Branca, José de Alencar, (1829-1854), símbolo do pensamento romântico brasileiro que, por volta de dez anos, se empenhou em justificar suas supostas incorreções, surgiu como o representante mais conhecido da busca por identidade nacional e da defesa de uma aceitação do evolucionismo que marcaria uma suposta superioridade de nossa língua, já que ela passava a ser vista, por uma parte daquela geração, como fruto da evolução da língua de Portugal.

As críticas que fizeram com que José de Alencar se comprometesse cada vez mais com seus ideais progressistas revelam a existência de um debate estabelecido na época entre aqueles que defendiam a unidade da língua portuguesa, ou seja, aqueles que resistiam à inovação e que apoiavam a continuidade da tradição lusitana, os ‘tradicionalistas’, e aqueles que defendiam a autonomia de uma ‘língua’ ou ‘dialeto’ brasileiro, os ‘inovadores’.

É somente nesse momento, na segunda metade do século XIX, que a língua do Brasil assumiu contornos de problema de interesse nacional e passou a constituir objeto de cogitação por parte dos ‘inovadores’, para registro de uma realidade já consistente e documentável. Essa demanda, somada às necessidades do aparelho escolar – que se expandia em virtude do ideal positivista de “escola para todos” – motivou a formulação do programa de exames preparatórios de português, por Fausto Barreto<sup>3</sup>. E foi ele a principal causa da gramaticização da variante brasileira:

Não havendo compêndios que se adscrevessem à nova orientação, foi então que Pacheco e Lameira, João Ribeiro e Alfredo Gomes, nomes já laureados no magistério, tiveram de escrever as suas gramáticas, versadas no programa que Fausto Barreto traçara, no qual de todo se revelavam o espírito de síntese, o critério filológico e o novo rumo que nos importava trilhar o ensino e estudo da língua portuguesa. (Maciel 1914:444 apud Fávero e Molina: 2006)

Este período dos estudos lingüísticos brasileiros, intitulado como científico por Elia (1975:121), foi entendido por ele como “um momento de transição em que o sentido renovador volt[ou]-se ainda para as explanações gramaticais, procurando imprimir à disciplina do idioma fundamento mais consentâneo com o progresso dos estudos lingüísticos”. Segundo ele, foi nesse período que despontou a corrente independente dos lexicógrafos, as preocupações vernaculistas renasceram para o fim do século, as primeiras manifestações da direção filológica apareceram, e surgiram os grandes nomes fundadores da Filologia do Brasil.

Cavaliere (2000:19) colocou que foi também nesse período que “se desfrut[ou] um momento rico das letras brasileiras; respir[ou]-se uma atmosfera de grande e generalizado interesse pela investigação científica do vernáculo”. Afirmou que muitos estudos foram realizados amparados pela profícua publicação de trabalhos europeus traduzidos, onde são notados “os esforços de aplicação do método histórico-comparativo e a criteriosa fundamentação das hipóteses teóricas em textos

---

<sup>3</sup> O programa de Fausto Barreto foi lançado em 1887 e se encontra publicado na obra de Júlio Ribeiro *Procelárias*.

representativos de padrão culto vigente”. De acordo com Cavaliere e a geração que representa, esse momento tão produtivo teria aberto as portas da ciência lingüística no Brasil.

Essa nova onda ‘cientificista’, vinda da corrente européia de estudos, foi impulsionada, como pudemos ver, pela pressão da época em se renovar tudo o que antes fazia parte do outro regime político, a Monarquia.

Porém, *problema* (1) em que medida os gramáticos do período realmente aderiram a essa nova abordagem teórica ‘cientificista’ frente à língua?

Para que pudéssemos perseguir a resposta para a nossa indagação, um recorte se faz necessário, e, assim, selecionamos como lugar de análise o problema da colocação pronominal, visto que esta foi uma das questões mais discutidas no debate sobre a existência de uma língua brasileira ocorrido nessa época pós-independência.

De acordo com vários lingüistas contemporâneos, a questão da colocação pronominal se apresenta como uma das mudanças que ocorreu no sistema pronominal da língua portuguesa (Cyrino 1993; Duarte 1989; Galves 1993; Nunes 1993; Pagotto 1993; Tarallo 1993). Cyrino (1993), por exemplo, atesta essa mudança em um trabalho diacrônico, no qual observa, em peças teatrais brasileiras, a distribuição do pronome clítico quanto à sua colocação. Nele, constata que a ênclise sofre uma queda brusca de frequência do século XVIII e primeira metade do século XIX, para a primeira metade do século XX, conforme ilustrado abaixo.

Ênclise com gerúndio	1ª metade do século XIX – 100% 1ª metade do século XX – 25%
Ênclise com infinitivo impessoal	1ª metade do século XIX – 100% 1ª metade do século XX – 56%
Ênclise com imperativo afirmativo	1ª metade do século XIX – 100% 1ª metade do século XX – 62%

**Tabela resumida elaborada a partir dos dados da pesquisa de Cyrino (1993)**

A partir desses dados, perguntamo-nos: *problema* (2) até que ponto os gramáticos do período 1880-1920 perceberam e descreveram a mudança que se dava na língua falada?

Os dois problemas explicitados aqui serão aplicados ao *corpus* de nossa pesquisa que se constitui de textos gramaticais, entre outros, de lingüistas que foram reconhecidos pela literatura crítica como autores de gramáticas ditas científicas: Mário Barreto (1879-1931), Alfredo Augusto Gomes (?-?), Maximino de Araújo Maciel (1865-1923), Manuel Pacheco Silva Junior (1842-1899) e Lameira de Andrade (?-?), Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), Ernesto Carneiro Ribeiro 1839-1920, João Ribeiro (1860-1934), Júlio César Ribeiro (1845-1890) e Manuel Said Ali (1861-1953).

Seguindo a linha de pesquisa da Historiografia Lingüística, pretendemos não somente investigar e estudar, nesses textos descritivos e teóricos da época que trataram da questão da colocação pronominal, idéias lingüísticas em seus contextos social, cultural e político-econômico, mas ainda pretendemos refletir sobre os possíveis condicionamentos dessas idéias (Swiggers 2005; Koerner 1978, 1989a, 1989b, 1996a, 1996b; Hymes 1983).

Os resultados dessa dissertação visam a contribuir com a história da língua portuguesa e com os estudos historiográficos lingüísticos brasileiros.

#### **Um estudo preliminar: Manoel Said Ali**

Manoel Said Ali (1861-1953) escreveu na Revista Brasileira de 1895 um artigo cujo título é *A Colocação dos Pronomes Pessoaes – Na Linguagem Corrente*. Nesse texto, o gramático trata, fundamentalmente, de explicar a colocação pronominal no português europeu e brasileiro.

A motivação para dissertar sobre esse tema é descrita nesse trabalho quando conta que, em conversa com um colega professor, foi chamado à atenção para um erro de colocação que havia sido encontrado nos sermões de Antonio Vieira: *nós lavamo-nos desta desgraça*. O erro nessa sentença, de acordo com o professor, era devido à ocorrência de *ênclise quando claro o pronome sujeito*. Até aquele momento, Said ali expressa que se julgava indiferente à colocação dos pronomes ‘complementos’, e, intrigado com a questão, se propôs a investigar se outros autores também cometiam aquela colocação.

Seu primeiro passo na análise foi apresentar um levantamento de exemplos de autores portugueses: Gil Vicente, Antonio Vieira, Alexandre Herculano, Rebello da Silva, Eça de Queiroz e outros<sup>4</sup>, sobre o caso do pronome ‘complemento’ *ênclítico estando claro o pronome sujeito* e, com o exemplário organizado, provou que essa regra não era sempre respeitada por autores antigos e modernos.

Assim, provando que havia divergências na colocação pronominal dos autores portugueses, critica os gramáticos puristas da época que apontavam, segundo ele, que a colocação brasileira era errada justamente por ser divergente. Apesar do intervalo de tempo na publicações dos textos (1895, 1911 e 1919), Said Ali manteve uma mesma linha de pensamento sobre a questão (Pinto, 1978).

Propõe que a verdadeira conclusão científica a respeito da divergência na colocação dos pronomes no português brasileiro (doravante PB) e no português europeu (doravante PE) era que:

...em Portugal é certa a colocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral.

E explica:

Na linguagem corrente de Portugal os pronomes pessoaes complementos collocam-se normalmente depois do verbo; podem no entanto deslocar-se. Essa deslocação effectua-se em virtude de uma *lei*, a saber: quando não ha pausa depois da palavra que precede o verbo, o pronome abandona o verbo e junta-se á palavra precedente. As apparentes exepções a essa lei são devidas á interferência de outros factores, como a euphonia, a analogia, a tendencia erudita, etc.”(grifo meu)

---

<sup>4</sup> Said Ali afirma que investigou a questão nas mesmas fontes utilizadas por outros gramáticos daquela tradição.

Percebe-se aqui que sua explicação é basicamente construída em torno de um argumento fonológico relacionado ao acento frasal, o qual considera a existência de vocábulos átonos ao lado dos tônicos, dada à justificativa da análise da pausa entre os elementos da frase apontada pelo autor.

Na medida em que Said Ali propõe um novo olhar sobre o fenômeno que se encontrava em mudança na fala<sup>5</sup>, ele minimiza sua visão estritamente para esse ponto de vista: o fonológico. Dessa forma, desconsidera a influência que a própria natureza verbal ou pronominal da sentença poderia exercer sobre o deslocamento do clítico.

Os contextos analisados pelo autor dizem respeito a a) quando os pronomes complementos aparecem estando claro o pronome sujeito; b) quando antes do verbo houver um advérbio ou uma locução adverbial; c) quando o infinitivo é precedido de preposição; d) quando houver pronome relativo; e) expressões de negação; f) orações subordinadas; g) auxiliar ter e o particípio passado; h) formas perifrásticas; i) quando antes do verbo se achar sujeito substantivo; j) quando o sujeito substantivo, o pronome pessoal ou demonstrativo é enfático; k) quando há conjunções coordenativas *e* e *mas*; l) coordenações coordenativas e assindética; m) quando um verbo rege um infinito sem preposição e n) quando um pronome for complemento do infinito.

Por fim, descreveremos neste trabalho apenas o contexto (1) das locuções verbais.

### **Das locuções verbais – formas periphásticas formadas pelos verbos ir, vir, estar, seguidos de gerúndio**

Diz o autor que quando houver pronúncia ligada em formas perifrásticas formadas pelos verbos ir, vir, estar, seguidos de gerúndio, observa-se o pronome complemento entre os dois verbos e não depois do gerúndio:

*vai-se...confundindo* (Herc. Eur. ) e não – vai confundindo-se ...  
*vai-se enfileirando* (Herc. Monge) e não – vai enfileirando-se  
*ia-me esquecendo* (Herc. Ib.) e não – ia esquecendo-me  
*o sol ia-se pondo* (Herc. Ib.) e não – o sol ia pondo-se

Porém, o que o autor não explica é se o clítico estará sempre ligado ao verbo auxiliar ou ao verbo principal, dado que é sabido que a inclinação é uma no PB – ao verbo principal – e outra no PB – ao verbo auxiliar (Galves, 1993).

### **Referências Bibliográficas:**

- CAVALIERE, RICARDO (2000) *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. [Coleção Ensaios, número 16]. Niterói: EdUFF.
- CYRINO, SONIA MARIA LAZZARINI (1993) Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: Objeto Nulo e Clíticos. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. In Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 163-183.

---

<sup>5</sup> Trabalhos diacrônicos de Cyrino (1990, 1993) e Pagotto (1993) atestam as mudanças ocorridas na posição dos clíticos, principalmente no século XIX.

- DUARTE, MARIA EUGÊNIA LAMOGLIA (1989) Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil. *Fotografias Sociolinguísticas*.
- ELIA, SILVIO EDMUNDO (1913) *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- FÁVERO, LEONOR LOPES; MOLINA, MÁRCIA A. G (2006) *As concepções linguísticas no Século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- GALVES, CHARLOTTE (1993). O Enfraquecimento da Concordância no Português Brasileiro. *Português Brasileiro: Uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 387-408.
- HYMES, DELL (1983) "Traditions and paradigms". *Essays in the History of Linguistic Anthropology*, 345-483. Amsterdam: John Benjamins. [Rep. de 1974. "Introduction; Traditions and Paradigms" *Studies in the History of Linguistics*, ed. por Dell Hymes, 1-38. Bloomington & London: Indiana university Press.]
- KOERNER, KONRAD (1978) *Toward a Historiography of Linguistics: Selected Essays*. Foreword by R.H. Robins. Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1989a) On the problem of 'influence' in Linguistic Historiography. *Practicing Linguistic Historiography: Selected Essays*, 31-46. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1989b) Models in Linguistic Historiography. *Practicing Linguistic Historiography: Selected Essays*, 47-60. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1996<sup>a</sup>) Questões que persistem em Historiografia da Linguística. [Trad. de Cristina Altman do orig. inglês "Persistent Issues in Linguistic Historiography". *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.] *DELTA. Revista de Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 12:1.95-124.
- \_\_\_\_\_. (1996b) A questão da metalinguagem na Historiografia. [Trad. de Cristina Altman do orig. inglês "Metalinguage in Linguistic Historiography". *Professing Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.] *DELTA* 12:1.95-124.
- MURRAY, STEPHEN O (1994) *Theory Groups and the Study of Language in North America. A social history*. Amsterdam: John Benjamins. (1 ed., U.S.A: Linguistic Research, Inc. Carbondale; Canada: Edmonton Univ. Press, 1983.)
- NUNES, JAIRO M. (1993) Direção de Cliticização, Objeto Nulo e Pronome Tônico na Posição de Objeto em Português Brasileiro. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 207-222.
- PAGOTTO, EMILIO G. (1993) Clíticos, Mudança e Seleção Natural. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 185-206.
- PINTO, EDITH PIMENTEL (sel./apres.) (1978) Introdução ao seu *O Português do Brasil. Textos críticos e teóricos, 1: 1820/1920, fontes para a teoria e a história XV-LVIII*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp.
- SAID ALI, MANOEL (1895) A Colocação dos Pronomes pessoais. *Revista Brasileira*, nº 1. Rio de Janeiro: Laemmert & C. – Editores.
- \_\_\_\_\_. (1975) [1911]. O problema da colocação de pronomes. Estudo de Evanildo Bechara, *Investigações Filológicas*. RJ: Grifo; Brasília: INL: 31-44.
- \_\_\_\_\_. (1950) [1919]. Dificuldades da língua portuguesa. 4 ed. RJ: Acadêmica: 43-45; 71-74; 87-92. Pinto, Edith Pimentel, 1978, *O Português do Brasil. Textos críticos e teóricos, 1: 1820/1920, fontes para a teoria e a história XV-LVIII*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp.
- TARALLO, FERNANDO (1993) Diagnosticando uma Gramática Brasileira: O Português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica: homenagem a Fernando Tarallo*. Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, pp. 69-105.